

FRANCISCA CLOTILDE E ALBA VALDEZ: EDUCADORAS E ESCRITORAS VANGUARDISTAS NO CEARÁ OITOCENTISTA

FRANCISCA CLOTILDE AND ALBA VALDEZ: *AVANT-GARDE* EDUCATORS AND WOMEN WRITERS IN 19TH CENTURY IN CEARÁ

Gildênia Moura de Araújo Almeida¹

Neste panegírico para a **KIXARÁ**, *femenageamos* duas escritoras e educadoras cearenses pertencentes ao universo oitocentista: **FRANCISCA CLOTILDE** e **ALBA VALDEZ** — inovadoras, corajosas, idealistas e, sobretudo, atuantes no que tange à excelência no uso do verbo. A primeira delas foi o nosso objeto de estudo no Doutorado em Educação Brasileira que cursamos na Universidade Federal do Ceará (UFC), mas ambas nos são igualmente caras por suas múltiplas qualidades. Somadas a essas virtudes, há algumas aproximações que guardam entre si — o que, em seguida, aqui demonstraremos.

Francisca Clotilde Barbosa Lima, mais conhecida por **Francisca Clotilde**, nasceu na fazenda São Lourenço, em Tauá-CE, em 19 de outubro de 1862. Era filha de João Correia Lima e Ana Maria Castelo Branco. Sua família, abastada, devido à seca no Sertão dos Inhamuns, mudou-se para o Maciço de Baturité, local bem mais aprazível por se tratar de uma zona montanhosa.

Ainda menina, fez seus primeiros estudos com a professora Ursulina Furtado; depois, foi aluna interna do tradicional Colégio da Imaculada Conceição, em Fortaleza, onde concluiu os estudos secundaristas em 1880, aos 18 anos. Nesse mesmo ano, casou-se com Francisco de Assis Barbosa Lima, conhecido como “Zeguedegue”, um homem que a fez arrepender-se de haver-se casado logo após haverem contraído núpcias.

Anos depois, já sem notícias dele, pois este fugira do Hospício de Alienados Pedro II, no Rio de Janeiro, onde fazia tratamento contra o alcoolismo, Francisca Clotilde trasladou-se de Baturité para Fortaleza em busca de emprego. Em 1882, assumiu o cargo de professora de Primeiras Letras e, depois, em 1884, via concurso, adentrou o serviço público como professora

¹ Graduação em Letras pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Graduação em Pedagogia pela Universidade Paulista (UNIP). Especialização em Literatura Brasileira pela Universidade Estadual do Ceará (Uece). Mestrado em Letras - Literatura Brasileira - pela UFC. Doutora em Educação Brasileira pela UFC. Pós-Doutora em História da Educação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Pós-Doutora em Letras - Literatura pela UFC. Professora da Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC). Técnica Educacional Formação Docente na CREDE 1 (SEDUC-CE). E-mail: gildeniamoura@gmail.com.

na Escola Normal do Ceará, em Fortaleza. Esse fato configurou-se como inédito: ela foi a primeira mulher a lecionar nessa instituição educacional. Concomitantemente ao trabalho de educadora, Francisca Clotilde colaborou na imprensa cearense escrevendo para diversos jornais: *Cearense*, *Gazeta do Norte*, *Pedro II*, *O Libertador*, *A Quinzena*, *A República* e *Almanaque do Ceará*; e na imprensa de outros estados, a saber: *Almanaque das Senhoras Alagoanas*; *O Lyrio*, de Recife; *A Família*, de São Paulo e Rio de Janeiro, dentre outros.

Ao não ter mais contato com o marido há anos desaparecido nem receber qualquer informação sobre ele, considerando-se viúva, entrou em um relacionamento amoroso com o capitão Duarte, professor do Liceu do Ceará. Os dois tinham muitas afinidades que iam além do profundo amor que sentiam um pelo outro — dentre as quais, o Magistério e os ideais políticos. Juntos tiveram três filhas e um filho e enfrentaram incontáveis barreiras sociais devido a esse amor tido por maldito por ser ela uma mulher ainda oficialmente casada, mesmo com a ausência física desse esposo problemático. Francisca Clotilde sofreu importunações e boicotes, silenciamentos e atos de repulsa, mas não se intimidou. Viveu esse amor até a morte do capitão, poucos anos depois.

Dentre as muitas punições que recebeu, estão a sua demissão da Escola Normal, em 1893. Mas ela, que não se intimidava com nada, em seguida, em 15 de janeiro do mesmo ano, fundou a sua própria escola, o Externato Santa Clotilde, na Praça Marquês do Herval — atual Praça José de Alencar, em Fortaleza —, sendo essa a primeira escola particular de ensino misto da capital. Após três anos de funcionamento, o externato fechou. Em 1896, a nossa intelectual retornou para Baturité, onde continuou colaborando com a imprensa e com a Educação, fundando o seu segundo externato, com o mesmo nome.

Em Baturité, publicou o romance *A Divorciada*, em 1902, adiantando-se 75 anos no tempo, uma vez que o divórcio somente seria legalizado no Brasil em 26 de dezembro de 1977. Apesar da fria recepção do seu livro por parte da crítica e do público leitor, ela não arrefeceu nem desistiu: juntamente com a filha Antonieta e a sobrinha Carmen Taumaturgo, fundaram a revista *A Estrella* em 1906, que colecionou centenas de colaborações de escritoras e escritores até o ano de 1921. Depois, passou a morar em Aracati — “a terra dos bons ventos”, em Língua Tupi — e fundou a sua terceira escola, de mesmo nome. Continuou a escrever para jornais, ainda que bem menos que outrora, decepcionada com o mundo intelectual cearense.

Francisca Clotilde dedicou 53 anos de sua longa vida ao Magistério — 27 deles no município de Aracati —, exercendo a sua profissão até os seus últimos dias, quando faleceu aos 73 anos de um colapso cardíaco, no dia 8 de dezembro de 1935.

Seguindo pelo mesmo caminho do ensino e das letras, temos **Maria Rodrigues Peixe**: professora, feminista e escritora cearense conhecida como **Alba Valdez**, que nasceu no dia 12 de dezembro de 1874, no sítio Espírito Santo, na Vila de São Francisco de Uruburetama, atual município cearense de Itapajé-CE. Era filha de João Rodrigues Peixe e Isabel Alves Rodrigues.

Devido à seca que se alastrava pelo Sertão em 1877, a família passou a morar em Fortaleza, onde ela teve os seus primeiros estudos na escola primária de Isabel Teófilo Spínosa. Em março de 1886, iniciou os estudos na Escola Normal do Ceará, onde **foi aluna de Francisca Clotilde**. Diplomou-se em 1889, com 15 anos, e, ato contínuo, foi nomeada para lecionar uma das cadeiras de ensino público na capital. Foi professora do Grupo Escolar Nogueira Accioly, também conhecido por Grupo Escolar N° 1 ou Primeiro Grupo Escolar de Fortaleza.

Como literata, realizou palestras, saraus, tertúlias literárias e publicou na imprensa cearense. Fez parte do Centro Literário, da Boêmia Literária e da Iracema Literária. Em 1901, publicou seu primeiro livro — *Em Sonho* —, uma coletânea de textos em prosa, com contos e crônicas. Em 1906, lançou *Dias de Luz*, um romance memorialista de 120 páginas no qual registra suas lembranças da infância e adolescência. Anteriormente a isso, em 1904, fundara a primeira agremiação literária feminina no Ceará: a “Liga Feminista Cearense”, constituída por ela, Maria Portugal, Aurelinda Simões, Olga Alencar, Amélia Alencar e Júlia Moura.

Assim como Francisca Clotilde, Alba Valdez foi uma escritora pioneira no que diz respeito à Literatura produzida por mulheres no estado do Ceará, fundamentalmente falocêntrica. Em 1922, ingressou na Academia Cearense de Letras (ABL), passando a ser a primeira mulher a fazer parte dessa instituição, assumindo a Cadeira de Número 8, cujo patrono era Álvaro Martins. Também participou da Academia Feminina de Letras, ocupando a Cadeira 16, que tinha Francisca Clotilde como patrona. Em 1936, foi convidada a fazer parte da Diretoria do Instituto do Ceará, onde exerceu a função de bibliotecária.

Devido às suas ideias feministas e às suas críticas à sociedade cearense da época, sofreu duras reprimendas e, por isso, afastou-se do mundo intelectual fortalezense. Em 1953, retornou à ABL, passando a ocupar a Cadeira 22, cujo patrono é Justiniano de Serpa.

Optando por não se casar nem ter filhos, essa grande intelectual cearense teve uma vida longa e foi reconhecida como grande e brilhante estando ela viva para receber os louros da vitória. Faleceu em Fortaleza, no dia 5 de dezembro de 1962, próximo de completar 85 anos.

O Ceará, o Brasil e o mundo ganharam duas estrelas fulgurantes na forma de duas mulheres igualmente brilhantes: **FRANCISCA CLOTILDE** e **ALBA VALDEZ**. Que elas recebam essa nossa *femenagem* como forma de **AGRADECIMENTO** pela inspiração que suas histórias infundem em nós, que as temos como dois nortes pujantes em nossa própria história.

COMO CITAR ESTE PANEGÍRICO:

ALMEIDA, Gildênia Moura de Araújo. Francisca Clotilde e Alba Valdez: educadoras e escritoras vanguardistas no Ceará oitocentista. **Kixará**, Quixadá, v. 2, n. 3, p. 129-132, set./dez. 2025.

Submetido em: 05/12/2025

Aceito em: 13/12/2025

Publicado em: 29/12/2025

Edição: Yls Rabelo Câmara

Diagramação: Francisco Edvander Pires Santos



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Compartilha Igual 4.0 Internacional